

MERCADORIAS E ROTAS DE COMERCIO INTERTRIBAL
NA AMAZÔNIA.

Antonio Porro.

GT História Indígena e do Indigenismo.

C E D I - P. I. B.
DATA 31/12/87
COD. IC2D00033

MERCADORIAS E ROTAS DE COMÉRCIO INTERTRIBAL NA AMAZÔNIA

Antonio Porro

O comércio intertribal é um dos aspectos menos conhecidos das sociedades indígenas do Brasil anteriores à influência e ao domínio ocidental. É possível que isto seja resultado do papel secundário do comércio na economia de muitas tribos, fazendo com que as atividades que lhe são ligadas, se existentes, escapassem à observação dos primeiros cronistas. Assim Florestan Fernandes atribuiu ao comércio dos bem documentados Tupinambá litorâneos o caráter de meras trocas ocasionais, considerando que "as técnicas tribais de acumulação de utilidades não previam o suprimento de reservas destinadas à troca, mas ao consumo interno" (Fernandes 1963:97).

As poucas referências históricas a sociedades indígenas em que o comércio intertribal se constituía numa atividade econômica sistemática procedem da Amazônia. Quase todos os cronistas dos séculos XVI e XVII deixaram depoimentos sobre o assunto, embora no geral muito superficiais. Observe-se contudo que, tão importantes quanto as breves notas sobre o comércio propriamente dito, são as evidências de comunicações regulares e não limitadas à guerra entre grupos distintos, tanto vizinhos como por vezes muito afastados. Assim, em 1542, quando acampados na aldeia omagua de Aparia Grande (na várzea do Amazonas pouco acima da foz do Javari), Orellana e seus companheiros receberam a visita formal de emissários de um cacique do interior, cuja identidade não puderam estabelecer. O seu tipo físico era diferente do de Aparia : altos, de pele clara, cabelos até a cintura e trajando roupas e ornamentos de ouro; traziam presentes e "vinham saber quem éramos, o que queríamos e para onde íamos" (Carvajal 1941:33). Dezoito anos depois, atravessando a mesma região, Ursun enviou uma patrulha explorar um afluente que desembocava próximo à aldeia grande de Carari ; a patrulha encontrou, "a pouca distância", índios de língua e indumentária diferente, aparentemente em viagem de comércio (Simon 1971:26-27). De fato Altamirano, outro cro-

2 mista da mesma expedição, informou que as jóias usadas pelos índios de Carari (pingentes, narigueiras e peitorais de ouro) não eram de sua fabricação, mas "da terra adentro, onde havia grandes povoados de gente vestida" (Vasquez de Espinoza 1948:384).

Rio abaixo, no trecho do Solimões entre o Tefé e o Coari, viviam os Aisuari ou Curucirari, que os cronistas quinhentistas chamavam "província de Machiparo". Diogo Nunes, o enigmático viajante português que teria estado lá antes de Orellana, diz que "em cada povoado que chegam acham muitas casas cheias de pescado seco, que eles levam a vender pelo sertão e tem suas contratações com outros índios. Vão os caminhos muito abertos, de muito seguidos, porque corre muita gente por eles" (Drumond 1950:100). Altamirano, o já citado cronista da expedição de Ursua e Aguirre, fez um relato detalhado de uma exploração pelo interior da margem direita do Solimões, em que revela aspectos inusitados das comunicações terrestres e do comércio intertribal. Havia "caminhos mui largos e bons" com pousadas a cada tres ou quatro léguas com "índias fazendo pão de cassava e outras comidas e índios de serviço para os viajantes ... que iam e vinham das províncias da terra e dentro a comerciar com os das províncias de Machifaro e outras vizinhas destas e o comércio era de cerâmica e peixes, que o havia muito bom na província de Machifaro, por lâminas e carrarias de ouro e outras coisas de estimação da terra" (Vasquez de Espinoza 1948:385-7). Mesmo concedendo à idealização do cronista peruano certos atributos exóticos como os índios de serviço, não há dúvidas quanto à existência, no médio e alto Amazonas, de uma rede de bons caminhos, mais do que simples trilhas, que saiam das principais aldeias ribeirinhas. Cem anos depois, Acuña ainda pôde constatar que os Aisuari produziam grandes quantidades de cerâmica de todos os tipos, "tendo tudo isso prevenido para o comércio com as outras nações que, obrigadas pela falta que sentem destes gêneros em suas terras, vêm fazer grandes carregamentos dêles" (Acuña 1941:235-6). Heriarte acrescenta que os Aisuari cultivavam algodão e, sendo "grandes contratadores", o levavam "a outras partes e províncias" (Heriarte 1975:185).

Ainda mais abaixo, entre o Coari e o Purus, os Yurimagua ou "Solimões" (que Carvajal chama erroneamente Omagua) e os Paguana também se comunicavam com a terra-firme meridional por meio de

"muitos bons caminhos", que quanto mais se afastavam do rio mais se tornavam "maiores e melhores" (Carvajal 1941:48). A tribo de Paguana, que vivia no baixo curso do Purus, era particularmente relacionada com a hinterlândia; da "aldeia dos bobos" (nome que os companheiros de Orellana deram, numa cínica apreciação do pacifismo dos seus habitantes), "entravam muitos caminhos pela terra a dentro, porque o senhor (Paguana) não reside sobre o rio" (Carvajal 1941:49). Aqui Carvajal fez uma de suas mais surpreendentes afirmações, ao dizer que "este senhor possui muitas ovelhas das do Peru e é muito rico em prata, conforme todos os índios nos diziam" (op. cit.:49). Sendo altamente improvável que o senhor Paguana estendesse seu território desde o Amazonas até o habitat das lhamas, nos Andes, ou inversamente, que algum cacicado andino tivesse conquistado todo o curso do Purus até o Amazonas, a referência dos índios do baixo Purus a lhamas e prata só pode ser atribuída a notícias vindas do sudeste, de tribo para tribo, o que mais uma vez confirma as comunicações intertribais em longas distâncias.

Na margem direita do Amazonas, entre o Purus e o Madeira, os Caripuna e Zuriha "fazem bancos trabalhados em forma de animais, (...) estólicas, que são as suas armas (...) e não só todas estas obras servem para seu entretenimento e comodidade, mas também lhes são de muito proveito, obtendo por elas, em troco, entre as outras nações, tudo que precisam" (Acuña 1941:246). Fronteiriças aos Caripuna, na bacia do Manacapuru entre o Solimões e o baixo rio Negro, uma série de tribos que Acuña engloba sob o nome de Carabaya-na, extraíam sal provavelmente das cinzas vegetais: "Fazem estes índios quantidades de sal de uma erva que chamam Capinassú e (que) se assucára em pães, que mais parece salitre do que sal, e o levam a vender a outras nações" (Heriarte 1975:184). O comércio do sal e de outras mercadorias era também ativo entre as duas margens do Amazonas abaixo do Negro. Os Tupinambá da ilha Tupinambá man tinham relações amistosas com diversas tribos das bacias do Urubu e do Uatumã, "... havendo entre elas comércio do que cada qual tinha com abundância em sua província, e o principal de que se proviam os Tupinambás era de sal, que os amigos lhes traziam para seus escambos, e que afirmavam vir-lhes de outras terras vizinhas das suas" (Acuña 1941:264). Assinala-se, nesta passagem, a circunstância da mediação comercial entre produtores e consumidores de

4 sal, mediação que iremos encontrar claramente definida nos circuitos comerciais do rio Negro e do Branco. Toda essa porção central do Amazonas, onde confluem o Solimões, o Negro e o Madeira, apresenta indícios de importantes intercâmbios comerciais. Heriarte diz que "... o contrato desses índios é de leuça, remos e escravos, que trazem dos lagos de Araguaris e do rio Orinoco e do rio das Madeiras" (Heriarte 1975:181. Como a maioria dos seus contemporâneos, Heriarte confundia o Orinoco com o alto rio Negro ou o Branco). Quanto às comunicações meridionais, continuava Heriarte: "Neste rio (Madeira) há um barro mui cheiroso de que fazem os moradores igaçbas, que são como talhas grandes e pequenas, que a vender levam a outras partes a troco de algodão e fio para atarem as flechas, e por milho e tabaco e outras coisas que lhes são necessárias" (Heriarte 1975:182).

Os dédos até aqui reportados não deixam dúvida quanto à importância do comércio intertribal na Amazônia e, mais do que isso, à existência de especializações locais na produção e distribuição de mercadorias. Vejamos agora dois exemplos de rotas de comércio tradicionais e dos mecanismos de circulação dos bens.

O "Rio do Ouro" e a rota Negro-Japurá

O fabuloso "Rio do Ouro" de que Pedro Teixeira teve notícia ao subir o Solimões e que seria o pomo da discórdia na disputa de fronteiras com a Espanha, recebeu esse nome porque os índios da foz do Japurá usavam pequenos ornamentos de ouro que lhes vinham do norte, do alto rio Negro e do Uaupés, que os índios chamavam Iquiari. Acuña preocupou-se em localizar a região aurífera, mas conseguiu somente definir o trecho inferior da rota e identificar os seus agentes : " A quatorze léguas dessa aldeia, que chamamos do Ouro, da banda do Norte, sai a boca do rio Yurupá, que é por onde se entra no do Ouro (...) onde do pé de uma serra que ali está o tiram os naturais em grande quantidade ; e este ouro é todo em pontas e grãos de bom tamanho dos quais formam, à força de batê-los, as placas que, já disse, penduram nas orelhas e narizes. Os naturais que traficam com os que tiram este ouro se chamam Managás (Manaus) , e os que habitam o rio e se ocupam em tirá-lo , Yumaguaris" (Acuña 1941:240,237-8). Cinquenta anos depois, o padre Fritz explicitou o itinerário e o conteúdo desse comércio :

" Saem de ordinario (os Manaus) no tempo da enchente, porque então os dois rios se comunicam, de modo que podem, em canoas, penetrar do Jurubotts (Urubaxí) no Japurá. O comercio que tem esses Manaus com os Aisuares, Ibanozas e Jurimaguas (tribos do Solimões), consta de umas lâminas de ouro, urucú, raladores de mandioca, redes de miriti, com outros gêneros de cestinhos e tacapes que trabalham curiosamente. O ouro não o tiram eles, mas vão resgatá-lo navegando o rio Iquiari" (Fritz 1918:379-380).

No começo do século passado ainda subsistia, na porção setentrional da rota do rio Negro, o comercio intertribal de lâminas de ouro. O cônego André Fernandes de Souza constatou que nas proximidades de São Gabriel da Cachoeira as índias Tariana " traziam pendentes nas orelhas chapinhas ou folhetas de ouro : perguntei d'onc lhes vinham ; disseram-me que eram compradas ao gentio Panenú, habitador das cabeceiras do rio Uaupés, a troco de sal e penachos. Subsistiu contudo a dúvida d'onc a eles (os Panenú) lhes venham" (Souza 1848:466). Isto sugere que a região aurífera onde os Manaus se abasteciam não estaria no alto rio Negro mas muito mais a oeste, no sopé dos Andes colombianos onde nascem o Uaupés.

Miçangas, escravos e ferramentas na rota do Rio Branco

Desde o começo do século XVII os holandeses da Guiana subiam o rio Essequibo em busca de escravos para as plantações. Levavam para o escambo armas e ferramentas, panos, espelhos e quinquilharias. Do Essequibo entravam pelo Rupununi e deste passavam ao Tacutu, daí descendo o rio Branco até a confluência com o Negro. À época de Acuña (1639) as ferramentas holandesas já estavam difundidas entre os Carabayana, tribos da bacia do Manacapuru, entre o Negro e o Solimões (Acuña 1941:248). Em 1683 e possivelmente antes, eram de uso corrente entre os Iruris do baixo Madeira, que as preferiam às dos portugueses (Betendorf 1910:356-7). A importância dos produtos holandeses na região para o estudo do comércio indígena decorre de estarem eles inseridos numa série de circuitos comerciais envolvendo numerosas tribos numa extensão de centenas de quilometros. Um desses circuitos é descrito por Samuel Fritz em 1695, que lhe revela os traços principais. Na margem direita do baixo rio Branco os holandeses forneciam ferramentas aos Guaranaqua (ou Varanaconacena), que as passavam aos Cauaurí (ou

6 Caturicemas), habitantes da bacia do Cauré, à margem direita do Negro. Esses Cauaurí tornavam-se então os principais agentes do circuito comercial: faziam expedições para o sul levando as ferramentas até a várzea do Solimões (seiscentos quilometros em linha reta; muito mais ao seguir os rios e igarapés); aqui viviam os remanescentes dos outrora poderosos Jurimagua ou "Solimões", que eram especialistas na fabricação de um certo tipo de contas de caracóis "mais apreciados por aquela gente do que as contas de vidro". Eles ficavam com as ferramentas e os Cauaurí levavam as miçangas com as quais, em algum lugar entre o Solimões e o Negro, compravam escravos em outras tribos e os levavam consigo na viagem de volta para o norte. Atravessavam o Negro e entregavam os escravos aos Guaraná que lhes haviam fornecido as ferramentas; estes, por sua vez, repassavam os escravos aos holandeses fechando o circuito (Fritz 1967:93). Outro circuito da mesma natureza funcionava no médio e alto rio Branco: os Makuxí faziam escravos entre os Irimissara, Sapará e Paraviana e os forneciam aos Karipuna em troca de ferramentas e armas que os holandeses haviam vendido a esses últimos (Frontières du Brésil, Anexos da I Memória).

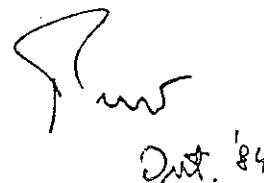
Verifica-se dessa forma que, ao contrário do que ocorreu com o apresamento da mão-de-obra indígena pelos bandeirantes no centro-sul do Brasil, e mesmo pela maioria das tropas de resgate portuguesas na Amazônia, os holandeses optaram, nas bacias do Branco e do Negro, pela exploração de um sistema comercial em que operavam múltiplas mediações intertribais. Torna-se difícil imaginar o engajamento de tribos tão afastadas num sistema complexo e multilateral detrocas comerciais, com destaque para o papel mediador dos Cauaurí e dos Makuxí, sem admitir uma arraigada tradição pre-europeia do comércio intertribal na qual teria vindo inserir-se, eventualmente para reforzá-la, o fluxo de produtos europeus.

BIBLIOGRAFIA

7

A referência às fontes corresponde às edições mais acessíveis, mas algumas citações, notadamente de Carvajal e Acuña, resultaram do cotejo com edições mais eruditas.

- Acuña, Cristobal de - Descobrimentos do Rio das Amazonas. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1941 ("Brasiliana", 203).
- Betendorf, João F. - "Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão", Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., LXXII (1), Rio, 1910.
- Carvajal, Gaspar de - Descobrimentos do Rio das Amazonas. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, 1941 ("Brasiliana", 203).
- Drumond, Carlos - "A carta de Diogo Nunes e a migração dos Tupi-Guaranis para o Peru", Revista de História, São Paulo, Ano 1, nº 1, Jan-Mar 1950.
- Fernandes, Florestan - Organização Social dos Tupinamba. 2a. ed., São Paulo, DIFEL, 1963.
- Fritz, Samuel - "O diário do Padre ...", com Introd. e Notas de Rodolfo Garcia. Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., LXXXI:354-397, Rio, 1918.
- Journal of the Travels and Labours of Father ... in the River of the Amazons between 1686 and 1723. Londres, Backluyt, 1922 (Reprint 1967).
- Frontières du Brésil et de la Guyanne anglaise ... Roma, 1903-1904, 9 vols.
- Herlarte, Mauricio de - "Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Co-rupá e Rio das Amazonas", em Varnhagen, História Geral do Brasil, III : 171-190, 8a. ed., S.Paulo, 1975.
- Simon, Pedro - The Expedition of Pedro de Ursua & Lorede Aguirre in Search of El Dorado and Omagua in 1560-1. Londres, Backluyt, 1861 (Reprint 1971).
- Souza, André Fernandes de - "Notícias geográficas da Capitania do Rio Negro no grande rio Amazonas" (s.d.), Rev. Inst. Hist. Geo. Bras., X : 411-504, Rio, 1848.
- Vasquez de Espinosa, Antonio - Compendio y descripción de las Indias Occidentales, Eashington, Smithsonian Inst., 1948 ("Miscellaneous Coll.", 108)


Out. '84

Data:
23, 24, 25 e 26 de outubro
de 1984

Local:
Grande Hotel São Pedro
Águas de São Pedro — SP